

A Narrativa “Anti-Ciência”

Este e-book examina os fundamentos filosóficos de rotular os críticos dos OGM como "anticiência", traçando suas raízes no cientificismo e no movimento histórico para emancipar a ciência da filosofia.

Impresso em 16 de dezembro de 2024



Debate sobre OGM

Uma perspectiva crítica sobre a eugenia

Índice (TOC)

1. Uma Inquisição Moderna

- 1.1. 🛡️ Scientific American: «combater a anticiência como o terrorismo»
- 1.2. 🇵🇭 Agricultores filipinos retratados como «luditas anticientíficos»
- 1.3. 🧑 Professor de filosofia Justin B. Biddle
- 1.4. 🇷🇺 Aliança pela Ciência: «Opositores aos OGM e trolls russos «semeiam dúvidas» sobre a ciência»

2. 🤔 Raízes Filosóficas

- 2.1. 🎓 Filósofo Friedrich Nietzsche sobre a tentativa da ciência de se emancipar da filosofia

3. 🤔 Hegemonia da Ciência


- 3.1. 🐉 Filósofo Hereandnow
- 3.2. 🤔 Filósofo Daniel C. Dennett

4. Conclusão

- 4.1. 🎓 Filósofo David Hume sobre Ciência e Valores

A narrativa ' anti-ciência '

Uma Inquisição Moderna

Nos últimos anos, surgiu uma tendência perturbadora no discurso científico: a rotulagem de críticos e cépticos, particularmente aqueles que questionam  a eugenia e os OGM, como «*anti-ciência*» ou «*envolvidos numa guerra contra a ciência*».

Esta retórica, muitas vezes acompanhada de apelos à acusação e à repressão, tem uma notável semelhança com declarações históricas de heresia. Este artigo revelará que esta narrativa anticientífica ou «*de guerra contra a ciência*» não é apenas uma defesa da integridade científica, mas uma manifestação de falhas dogmáticas fundamentais enraizadas no *cientificismo* e na tentativa secular de emancipar a ciência das restrições morais e filosóficas.

A anatomia de uma Inquisição Moderna

A declaração de indivíduos ou grupos como «*anticientíficos*» serve de base para perseguições, ecoando as inquisições religiosas do passado. Isto não é uma hipérbole, mas uma realidade preocupante evidenciada pelos recentes desenvolvimentos no discurso científico e público.

Em 2021, o establishment científico internacional fez uma exigência alarmante. Conforme relatado na *Scientific American*, eles pediram que a anticiência fosse combatida como uma ameaça à segurança equivalente ao terrorismo e à proliferação nuclear:

(2021) O movimento anticiência está crescendo, se tornando global e matando milhares

A anticiência emergiu como uma força dominante e altamente letal, e que ameaça a segurança global, tanto quanto o terrorismo e a proliferação nuclear. Devemos montar uma contra-ofensiva e construir uma nova infraestrutura para combater a anticiência, assim como fizemos para essas outras ameaças mais amplamente reconhecidas e estabelecidas.

A anticiência é agora uma grande e formidável ameaça à segurança.

Fonte: [Scientific American](#)

Essa retórica vai além do mero desacordo acadêmico. É um apelo às armas, posicionando o ceticismo científico não como uma parte natural do processo científico, mas como uma ameaça à segurança global.

CAPÍTULO 1.2.

Um exemplo do mundo real: o caso ■ das Filipinas

O caso da oposição aos OGM nas Filipinas constitui um exemplo claro de como esta narrativa se desenrola na prática. Quando agricultores filipinos destruíram um campo de teste de Arroz Dourado OGM que tinha sido plantado secretamente sem o seu consentimento, foram rotulados pelos meios de comunicação globais e por organizações científicas como «*luditas anti-ciência*». O mais perturbador é que foram acusados de causar a morte de milhares de crianças – uma acusação profunda que, quando vista no contexto dos apelos ao combate «à anticiência» como forma de terrorismo, assume um significado assustador.



**GOLDEN RICE, NO ENTRY!
SHUTDOWN IRRI!**

(2024) Arroz dourado transgênico 🇵🇭 das Filipinas : um exemplo de caso de inquisição «anticientífica»

Fonte: [/philippines/](#)

A rotulagem dos oponentes dos OGM como «*anticientíficos*» não se limita a incidentes isolados. Como observou o filósofo **Justin B. Biddle** na sua extensa investigação sobre o tema, esta narrativa tornou-se difundida no jornalismo científico. Biddle, professor associado e diretor de Filosofia Menor do Georgia Institute of Technology, é especializado no estudo das narrativas anticientíficas e «*de guerra contra a ciência*». O seu trabalho revela como estes conceitos estão a ser usados como arma contra os críticos do consenso científico, particularmente nos debates em torno 🧬 da eugenia, dos OGM e de outros empreendimentos científicos moralmente sensíveis.




(2018) “Zalotismo anti-ciência”? Valores, Risco Epistêmico e o Debate sobre OGM

A narrativa “anticiência” ou “guerra à ciência” tornou-se popular entre os jornalistas científicos. Embora não haja dúvida de que alguns oponentes dos OGMs são tendenciosos ou ignorantes dos fatos relevantes, a tendência geral de caracterizar os críticos como anticientíficos ou engajados em uma guerra contra a ciência é equivocada e perigosa.

Fonte: [PhilPapers \(Backup de PDF\)](#) | Filósofo [Justin B. Biddle](#) (Georgia Institute of Technology)


Biddle adverte que «*a tendência generalizada de caracterizar os críticos como anticientíficos ou envolvidos numa guerra contra a ciência é simultaneamente equivocada e perigosa*». Este perigo torna-se evidente quando consideramos como o rótulo anti-ciência está a ser usado para deslegitimar não apenas divergências factuais, mas também objecções morais e filosóficas a certas práticas científicas.

Um exemplo desta retórica vem da Alliance for Science, que publicou um artigo equiparando a oposição aos OGM às campanhas de desinformação  russas :

(2018) Ativismo anti-OGM semeia dúvidas sobre a ciência

Os trolls russos, auxiliados por grupos anti-OGM, como o Centro de Segurança Alimentar e a Associação de Consumidores Orgânicos, têm sido surpreendentemente bem-sucedidos em semear dúvidas sobre a ciência na população em geral.

Fonte: [Aliança para a Ciência](#)

A equação do ceticismo em relação aos OGM com «*a propagação <de dúvidas> sobre a ciência*» e a comparação com  os trolls russos não é apenas um floreio retórico. Faz parte de uma narrativa mais ampla que enquadra o ceticismo científico como um ato de agressão contra a própria ciência. Este enquadramento abre caminho para o tipo de acusação e supressão exigida nas manifestações mais extremas da narrativa anticientífica.

CAPÍTULO 2.

As raízes filosóficas da narrativa «anticientífica»

Para compreender a verdadeira natureza da narrativa anticientífica, devemos aprofundar-nos nos seus fundamentos filosóficos. Na sua essência, esta narrativa é uma expressão do *cientificismo* – a crença de que o conhecimento científico é a única forma válida de conhecimento e que a ciência pode e deve ser o árbitro final de todas as questões, incluindo as morais.

Esta crença tem as suas raízes no movimento «*de emancipação da ciência*», um esforço de séculos para libertar a ciência das restrições filosóficas e morais. Como o filósofo **Friedrich Nietzsche** observou em *Beyond Good and Evil* (Capítulo 6 – Nós, Acadêmicos) já em 1886:

A declaração de independência do homem científico, a sua emancipação da filosofia, é uma das consequências mais subtis da organização e da desorganização democráticas: a auto-glorificação e a presunção do homem erudito estão agora em plena floração em toda a parte, e na sua melhor primavera – o que não significa que, neste caso, o auto-elogio tenha um cheiro doce. Aqui também o instinto da população clama: “Liberdade de todos os senhores!” e depois de a ciência ter resistido, com os mais felizes resultados, à teologia, de quem fora “serva” durante demasiado tempo, propõe-se agora, na sua devassidão e indiscrição, estabelecer leis para a filosofia e, por sua vez, desempenhar o



papel de “mestre”. – O que estou dizendo! jogar o FILÓSOFO por conta própria.

O impulso para a autonomia científica cria um paradoxo: para ser verdadeiramente independente, a ciência requer uma espécie de <certeza> filosófica nos seus pressupostos fundamentais. Esta certeza é proporcionada por uma crença dogmática no *uniformitarismo* – a ideia de que os factos científicos são válidos sem filosofia, independentemente da mente e ∞ do tempo .

Esta crença dogmática permite à ciência reivindicar uma espécie de neutralidade moral, como evidenciado pelo refrão comum de que «a ciência é moralmente neutra, pelo que qualquer julgamento moral sobre ela reflecte simplesmente o analfabetismo científico». No entanto, esta reivindicação de neutralidade é em si uma posição filosófica e profundamente problemática quando aplicada a questões de valor e 🧭 moralidade .

(2018) Avanços imorais: a ciência está fora de controle?

Para a maioria dos cientistas, as objecções morais ao seu trabalho não são válidas: a ciência, por definição, é moralmente neutra, pelo que qualquer julgamento moral sobre ela reflecte simplesmente analfabetismo científico.

Fonte: [New Scientist](#)



CAPÍTULO 3.

O perigo da hegemonia científica

O perigo desta hegemonia científica é eloquentemente articulado num popular fórum de discussão de filosofia, publicado em 🦋 GMODebate.org como um e-book:



(2024) «**Sobre a absurda hegemonia da ciência**»

Um livro sem fim... Uma das discussões filosóficas mais populares da história recente.

Fonte: 🦋 GMODebate.org

O autor da discussão no fórum, [Hereandnow](#), argumenta:



A verdadeira ciência pura é uma abstração... O todo do qual isso é abstraído é tudo o que existe, um mundo, e este mundo é em sua essência, repleto de significado, incalculável, intratável aos poderes do microscópio.

... quando a ciência se move para «dizer» o que é o mundo, ela só está certa no âmbito do seu campo. Mas a filosofia, que é o campo mais aberto, não tem nada a ver com isso, assim como com «a ciência» do tricô ou a alvenaria. A filosofia é uma teoria totalmente inclusiva, e a tentativa de encaixar tal coisa num paradigma científico é simplesmente perversa.

Ciência: conheça o seu lugar! Não é filosofia.

(2022) Sobre a absurda hegemonia da ciência

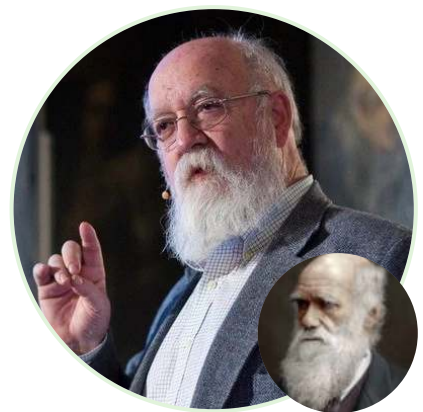
Fonte: onlinephilosophyclub.com

Esta perspectiva desafia a noção de que a ciência pode estar totalmente divorciada da experiência e dos valores humanos. Sugere que a tentativa de o fazer – de reivindicar uma espécie de objectividade pura – não é apenas equivocada, mas potencialmente perigosa.

CAPÍTULO 3.2.

Daniel C. Dennett versus 🐉 Hereandnow

A discussão que se segue entre «Hereandnow» e outro usuário (mais tarde revelado ser o renomado filósofo **Daniel C. Dennett**) ilustra a profunda divisão no pensamento filosófico sobre esta questão. Dennett, representando um ponto de vista mais científico, descarta a necessidade de uma investigação filosófica mais profunda, afirmando «*que não tenho qualquer interesse em nenhuma dessas pessoas. Nenhum*» (^) quando apresentado a uma lista de filósofos que lidaram com essas questões.




Charles Darwin ou Daniel Dennett?

Esta troca de ideias destaca o problema que está no cerne da narrativa «*anticientífica*»: a rejeição da investigação filosófica como irrelevante ou mesmo prejudicial ao progresso científico.

CAPÍTULO 4.

Conclusão: A necessidade de um escrutínio filosófico


A narrativa anticientífica, com os seus apelos à repressão e à supressão do cepticismo científico, representa um perigoso excesso da autoridade científica. É uma tentativa de escapar à incerteza fundamental da realidade, refugiando-se numa suposta certeza empírica. Contudo, esta certeza é ilusória, baseada em pressupostos dogmáticos que não resistem ao escrutínio filosófico.

Tal como explorado em profundidade no nosso artigo sobre  a **eugenia**, a ciência não pode servir como princípio orientador para a vida precisamente porque lhe faltam os fundamentos filosóficos e morais necessários para lidar com questões de valor e significado. A tentativa de o fazer conduz a ideologias perigosas como a eugenia, que reduz a riqueza e a complexidade da vida a um mero determinismo biológico.



- ▶ O capítulo «**Ciência e a tentativa de se libertar da moralidade**» demonstrou a tentativa contínua da ciência de se emancipar da filosofia durante séculos.

- ▶ O capítulo «**Uniformitarismo: O Dogma por Trás da Eugenia**» expôs a falácia dogmática subjacente à noção de que os fatos científicos são válidos sem filosofia .

- ▶ Capítulo « **A ciência como princípio orientador para a vida?**» revelou por que a ciência não pode servir como princípio

orientador para a vida.

A narrativa anticientífica ou «*de guerra contra a ciência*» representa não uma defesa da integridade científica, mas sim a luta secular da ciência para se emancipar da filosofia, conforme explorado em profundidade no [artigo sobre eugenia](#). Ao procurar silenciar investigações filosóficas e morais legítimas através de declarações de heresia «*anticientífica*», o establishment científico envolve-se numa prática que é fundamentalmente dogmática por natureza e, portanto, comparável à perseguição baseada na inquisição.

Como observou astutamente o filósofo [David Hume](#), as questões de valor e moralidade estão fundamentalmente fora do âmbito da investigação científica:




(2019) Ciência e Moral: A moralidade pode ser deduzida dos fatos da ciência?

A questão deveria ter sido resolvida pelo filósofo [David Hume](#) em 1740: os fatos da ciência não fornecem base para valores. No entanto, como algum tipo de meme recorrente, a ideia de que a ciência é onipotente e mais cedo ou mais tarde resolverá o problema dos valores parece ressuscitar a cada geração.

Fonte: [Duke University: New Behaviorism](#)

Em conclusão, a declaração de guerra contra aqueles que questionam a ciência deve ser reconhecida como fundamentalmente dogmática. O professor de filosofia [Justin B. Biddle](#) está correto ao argumentar que a narrativa anticientífica ou «*de guerra contra a ciência*» é filosoficamente equivocada e perigosa. Esta narrativa representa não apenas uma ameaça à livre investigação, mas aos próprios fundamentos da prática científica ética e à busca mais ampla de conhecimento e compreensão. Serve como um lembrete claro da necessidade

contínua de escrutínio filosófico nos esforços científicos, particularmente em áreas moralmente sensíveis, como  a eugenia e os OGM.

Impresso em 16 de dezembro de 2024



Debate sobre OGM

Uma perspectiva crítica sobre a eugenia

© 2024 Philosophical.Ventures Inc.